

ISOP - INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS - EDITORA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

TEXTOS

DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

**Apontamentos sobre as Fontes
e sobre Algumas das Figuras
mais Expressivas da Psicologia
na Cidade do Rio de Janeiro (III)**

**Farias Brito e a Crítica
da Psicologia Moderna.**

Antonio Gomes Penna

P/ISOP
CPGP
T
6



6

I S O P

INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

APONTAMENTOS SOBRE AS FONTES E SOBRE ALGUMAS DAS FIGURAS MAIS EXPRESSIVAS DA PSICOLOGIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. (III)

FARIAS BRITO E A CRÍTICA DA PSICOLOGIA MODERNA.

ANTONIO GOMES PENNA

RIO DE JANEIRO

1987

TEXTO DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Nº 6 - 1987

EXPEDIENTE

DIRETOR: Franco Lo Presti Seminério
COORDENAÇÃO: Athayde Ribeiro da Silva

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra. BB40383-9

Copyright (c) do autor

AC. 32760
ID 51088

Ficha Catalográfica

BIBLIOTECA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

219/87
14.12.87.

Penna, Antonio Gomes, 1917 -

História da psicologia: apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro (III): Farias Brito e a crítica da psicologia moderna / Antonio Gomes Penna. - Rio de Janeiro: ISOP, Centro de Pós-Graduação em Psicologia, 1987, - 23 p.

1. Psicologia - História - Fontes. 2. Brito, Farias, 1862-1917. I. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais. Centro de Pós-Graduação em Psicologia. II. Título. III. Título: Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro. IV. Título: Farias Brito e a crítica da psicologia moderna.

CDD - 150.9

CDU - 159.9

A inclusão de Farias Brito (1862/1917) nesta sequência de estudos sobre a história da psicologia no Rio de Janeiro, pode parecer a muitos indevida. Na verdade ele foi sobretudo, um filósofo - o único que tivemos segundo opinam os críticos - ou pelo menos, como mais cautelosamente preferiu José Veríssimo (1914), um historiador e um crítico da filosofia moderna e contemporânea. A rigor, não teria sido um psicólogo. Cabe, entretanto, aqui, a mesma ressalva. Se não foi um psicólogo, por certo foi, e de modo indiscutível, um excelente historiador e crítico das idéias psicológicas desenvolvidos nos séculos XVIII, XIX e XX. Cabe-lhe o mérito de ter produzido a magnífica série de estudos intitulada "Filosofia do Espírito" nela destacando-se especialmente "A Base Física do Espírito" e "O Mundo Interior". Ambas as obras cobrem não só o advento da psicologia científica como atingem os estudos que marcaram a E. Würzburg, já no século atual.

Dedicado ao exame de suas contribuições no domínio da psicologia, o presente texto se centrará na apreciação das duas obras citadas. Não descartará, entretanto, um breve resumo de sua atividade como filósofo, fato que nos conduzirá a uma resenha muito sumária das idéias que se contém na série "Finalidade do Mundo", de resto integrada de três obras extremamente ricas como o são: 1) a "Filosofia como atividade permanente do espírito", publicada em Fortaleza em 1895; 2) "A Filosofia Moderna", por igual, publicada em Fortaleza, em 1899; 3) e "Evolução e Relatividade", esta já editada em Belém, em 1905.

Raimundo de Farias Brito, nasceu no Ceará, em 1862, como já indicamos, no povoado de São Benedito, situado na serra do Ibiapaba. Fez seus primeiros estudos no próprio povoado em que nasceu, desenvolvendo-os depois em Sobral. Ainda quando inclinado para a Matemática e pensando em fazer engenharia, acabou ingressando na Faculdade de Direito do Recife, cursando-a na época em que nela já começa a despontar a figura de Tobias Barreto. Dele, por certo, rece-

beu influências que se revelaram em artigo escrito sobre a problemática do suicídio e aborda a questão do crime adotando a tese do criminoso nato, na época com grande aceitação no domínio da criminologia. Claro que essa influência se dilui com o tempo, na medida mesma em que se formaram suas convicções filosóficas, definidas por Leonel Franca (1921), como expressivas de um panteísmo e de um pansiquismo. Obviamente no que se refere ao panteísmo - que ele em determinado momento critica - sua posição decorre da confessada preferência por Spinoza com quem se declarou profundamente afinado no tocante às suas idéias filosóficas: "... foi em Spinoza que encontrei mais sólido apoio, e se há alguma filosofia a que meu pensamento se prenda, é exatamente a de Spinoza" (A Filosofia Moderna", ao examinar o problema da Finalidade).

Na condição de bacharel em direito, exerceu tanto no Ceará, quanto em Belém do Pará as funções de promotor, não parecendo de seu gosto o desempenho dessas funções a julgar pelos seus pareceres, geralmente curtos e sem maiores fundamentações teóricas, conforme registra Jônatas Serrano (1939). Durante sua permanência em Fortaleza, lecionou por curto espaço de tempo, a disciplina História Geral, no Liceu Cearense, efetivando-se nessa função mediante concurso de provas e títulos apresentando, na oportunidade, uma monografia intitulada "Pequena História - ligeiro apanhado sobre os fenômenos e os Hebreus", datada de 1891. Logo, entretanto, abandonou essa função transferindo-se para Belém do Pará em 1902.

Filósofo por excelência, consoante afirmamos no começo deste estudo, Farias Brito produziu as três obras que compõem a série, por igual, já referida, intitulada "Finalidade do Mundo".

No primeiro volume, ou seja, em "A Filosofia como atividade permanente do espírito", que tinha por subtítulo "Estudo de Filosofia e Teleologia Naturalista", revela-se a influência que Farias Brito então sofria de pensadores como Hartmann e Lange. Após uma Introdução de mais de vinte páginas, começa a primeira parte (única efetivamente a compor o livro) que tem por título "A Filosofia como atividade permanente do espírito" e que começa com as célebres palavras de Sócrates: "Filosofar é aprender a morrer". O trabalho cobre dezenove capítulos com cerca de trezentas páginas. No texto, e a propósito mesmo da citação de Sócrates, registram-se sig

nificativas considerações sobre o problema da morte, revelando-se Farias Brito muito próximo da Filosofia existencial. Trechos significativos da relevância dessa problemática, de resto captados muito adequadamente, quer por Jônatas Serrano, quer por Benedito Nunes (1967) valem sejam reproduzidos. Eles integram as primeiras páginas do volume. Escreve, por exemplo, Farias Brito: "Vivemos todos como se fossemos imortais. Entre tanto a morte é a única solução verdadeira do problema da vida". E mais adiante: "A vida é o que há de mais grandioso na natureza visível: a vida é uma ilusão permanente. A vida é a suprema manifestação da potência criadora e artística da natureza: a vida é o desespero e a morte. A vida é tudo: a vida é nada". Trecho eminentemente dialético e no qual pode-se perceber a influência de Schopenhauer, cujos argumentos, como registra Jônatas Serrano, foram sistematizados por Hartmann. Nas páginas 16 e 17, escreve ainda Farias Brito: "Depois da morte - nada. Pelo menos nada se pode conhecer e o mais que se pode fazer são conjecturas mais ou menos razoáveis. Viver é sentir e a poeira não sente. O que resta, pois, do ser vivo depois da morte? Pergunta milhões de vezes renovada e nunca respondida". A questão reformula-se, em seguida, quando escreve: "A parte propriamente corpórea do nosso organismo é indestrutível, como o demonstram a física e a química, e não se aniquila, não desaparece com a morte. Mas a parte psíquica, que é feito dela?"

O tema da consciência propõe-se ainda em "A Filosofia como atividade permanente do espírito humano" e, também, em seu começo pode-se ler: "Não há ciência do espírito, não se conhece ainda a lei reguladora da ação, sendo grande o esforço com que trabalham pensadores eminentes para subordiná-las às mesmas leis reguladoras do movimento, tentando em vão explicar os fenômenos da consciência em função da matéria e da força. Há, porém um abismo entre os fenômenos mecânicos e os fenômenos da consciência: mecanismo e consciência são princípios irredutíveis". Escritas estas linhas em 1894 e publicadas em 1895 elas se revelam atuais. O tema retoma-se em "O Mundo Interior", cap. VI, Livro II, quando, aprovando com entusiasmo a fórmula de Hamelin escreve ser "a consciência o momento mais alto da existência". Ela seria "o fato primordial da natureza, espécie de ponto de contacto entre dois mundos de que um é a imagem do outro. Realidade de um lado e conhecimento de outro como imagem da realidade - eis tudo o que

existe, poder-se-á, pois, dizer. Mas no fundo dessa dupla manifestação será necessário reconhecer a consciência, sem a qual não se poderia compreender nem uma, nem outra coisa. De maneira que, além da realidade exterior que se desenvolve no espaço e no tempo, impõe-se a existência de uma realidade interna, de uma atividade de ordem psíquica, cuja essência consiste exatamente nessa consciência que é o princípio mesmo produtor do conhecimento".

Ao ensejo das considerações sobre a natureza da consciência propõe Farias Brito também alguns comentários sobre o conhecimento e sua estrutura. A questão aparece abordada em "O Mundo Interior", quando o define "como a representação da realidade na consciência". "O conhecimento é, pois, como um segundo modo de existência das coisas, espécie de sombra ou projeção da realidade, como se a consciência fosse um como espelho através do qual se reflete a imagem do mundo, para empregar uma frase memorável de Leibniz. De maneira que temos de um lado a existência e de outro lado o conhecimento como representação da existência". Acerca dos elementos constitutivos do conhecimento distingue Farias Brito dois: a consciência e a natureza exterior. Escreve: "Há como elementos constitutivos do conhecimento, não três, mas somente dois princípios: a consciência em nós e os corpos ou a natureza exterior fora de nós, o princípio que conhece e as coisas que são conhecidas. Quanto ao que chamo representação, é já o conhecimento mesmo".

Nos dezenove capítulos que integram o primeiro volume de "Finalidade do Mundo", ou seja, em "A Filosofia como atividade permanente do espírito", estudam-se: As relações entre o Direito e a moral; entre a filosofia e a ciência e, ainda, entre a Filosofia, a poesia, a teologia e a religião.

Farias Brito concede grande relevo à moral que ele define como "o conjunto de princípios pelos quais deve o homem regular sua conduta". E estendendo-se sobre a regra que deve nortear o comportamento ético, escreve: "Devemos proceder sempre e em todas as coisas, de conformidade com as nossas convicções". Entrementes, a doutrina ética de Farias Brito prometida para o segundo volume da série, ou seja, para "A Filosofia Moderna", na verdade só foi desenvolvida mais tarde, em 1905, em Belém, quando publicou seu belo estudo intitulado "A verdade como regra das ações - Ensaio de Filosofia

moral como introdução ao estudo do Direito". Esse trabalho, resultante do curso sobre Filosofia do Direito que deu na Faculdade de Direito do Pará, em Belém, converteu-se, posteriormente em parte integrante da série "Filosofia do Espírito".

Um dos pontos mais importantes tocados no primeiro volume da série "Finalidade do Mundo" - que, de resto, vai se propor como sendo o próprio conhecimento - é o que se refere a Deus. Constitui-se na questão central do último capítulo dedicado a uma análise da religião naturalista. Nele Farias Brito define Deus como a luz e explica como chegou a essa concepção, que, afinal, condiz com sua posição panteísta. Na verdade ela lhe teria chegado através de um sonho, de conteúdo eminentemente metafísico, no qual se vê dialogando com alguém que não consegue ver. Sua voz, entretanto, chega-lhe clara e sonora, rejeitando a afirmação que Farias Brito fizera de que era inteiramente vão o esforço para provar a existência de Deus. "Enganai-vos: Deus existe e pode ser conhecido. Há na natureza mesmo alguma coisa que o traduz e revela. Observai e vereis". E finalizando: "Deus é a luz". Especialmente na conclusão do capítulo sobre a "Religião Naturalista" e depois de muitas considerações sobre Deus e a natureza, escreve Farias Brito: "Não há, pois, duas ordens: a do mundo e a de Deus; mas uma só, a do mundo que é a própria ordem divina, podendo-se nestas condições verdadeiramente dizer que a natureza é um espelho que reflete Deus, ou mais precisamente, que a natureza é Deus representado em sua obra. Daí o nome de Religião Naturalista que, em falta de outro equivalente, julgo comumente aplicar ao culto do verdadeiro Deus que é a natureza, a luz, na consciência, a verdade". E em outro trecho: "Eu digo: É a natureza mesma que constitui uma revelação permanente da divindade; é a regularidade mesma das leis da natureza que constitui a melhor e mais completa, ou antes, a única demonstração da existência de Deus".

O segundo volume de "Finalidade do Mundo" trata, como já indicamos, da "Filosofia moderna". O tema dominante é a análise do pensamento humano na época moderna. Dividido em três livros, neles são estudadas a filosofia dogmática, a filosofia da associação e a filosofia crítica, esta, contudo, reservada para outra obra. Três filósofos aparecem estudados: A. Comte. H. Spencer e K. Marx. Conforme observa Benedito Nunes, este através de comentários de Ferri e o fato de não ter tido conhecimento direto do Marxismo justifica a confu-

são que estabelece entre essa corrente e o anarquismo. De qualquer modo, as críticas que propõe contra os três é expressiva de uma posição eminentemente teísta e espiritualista. Comte é criticado com veemência, embora em favor do positivismo conceda Farias Brito, a relevância que ele atribui à fundamentação empírica do conhecimento. Na verdade, sem essa fundamentação, o conhecimento perde toda credibilidade. Por igual são severas as críticas propostas contra Spencer. No que concerne a Marx assinala a ineficiência inerente ao socialismo científico. Escreve, a propósito: "Ao socialismo científico, aliás justo na parte referente à crítica da organização das sociedades atuais, falta, pois, o elemento reconstitutor, um ideal poderoso e fecundo, capaz de fazer, por sua influência renovadora, de toda a humanidade um só corpo. Eis a razão porque, de doutrina regeneradora que devia ser, logo se transforma o socialismo - em sistema organizado de luta pela comida. Ora luta pela comida é luta de animais. Homens só lutam, ou só devem lutar por idéias". E em outro trecho: "O ponto de vista dos socialistas é: a questão social deve ser resolvida politicamente, em nome do interesse. O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia".

Farias Brito expõe com notável clareza toda a corrente empirista e associacionista, desde Locke, Berkeley e Hume, até Bain, S. Mill e Spencer. Acerca do tema central da série "Finalidade do Mundo", assinala que ele se resume na afirmação de que a natureza existe para o conhecimento. De fato, as duas leis da conduta seriam, pois: (1) conhece-te a ti mesmo; (2) conhece a natureza. Obviamente identificada a ordem natural com Deus, disso resulta que o conhecimento de Deus é a própria finalidade do mundo. Vale assinalar que ao adotar esse ponto de vista, Farias Brito apenas reafirma seu débito para com Spinoza para quem, como recorda Benedito Nunes, "no apêndice ao livro IV da Ética, o conhecimento é definido como o fim supremo do homem e ainda para quem o bem supremo da alma é o conhecimento de Deus e a virtude da alma é conhecer Deus. Ora, Deus é tudo em tudo...".

O terceiro volume da série é o livro "Evolução e Relatividade", redigido e publicado em Belém, em 1905. Essencialmente cobre uma análise crítica do evolucionismo e comenta as doutrinas relativistas no domínio da epistemologia, detendo-se aqui, particularmente, sobre Kant e sobre Comte. Mas,

há referências a Nietzsche, focalizando-se, no caso, a célebre concepção do "eterno retorno". No que se refere ao relativismo ou ao princípio da relatividade do conhecimento, Farias Brito assim se manifesta sobre ele: "O princípio da relatividade pode ser formulado nestes termos: todo conhecimento depende da organização do espírito. É talvez esta a sua forma mais completa e precisa. Ora, a organização do espírito é a sensibilidade. Dizer, pois, que todo o conhecimento depende da organização do espírito, é dizer que todo o conhecimento depende da sensibilidade. Isto tem um sentido: quer dizer que não conhecemos das coisas senão o que nos é transmitido pelos sentidos. É o velho princípio aristotélico: *"Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu"*". Mas na filosofia moderna a doutrina tomou proporções extraordinárias. Além disto há distinções importantes a fazer. Consideremos a questão de modo a tornar bem patentes os seus principais aspectos". E Farias Brito se estende em considerações sobre as posturas epistemológicas básicas para, em seguida, definir como relativas apenas as doutrinas que excluem do conhecimento a coisa em si para somente admitir o saber acerca dos fenômenos. Rigorosamente, nem o idealismo absoluto, nem o realismo absoluto seriam teorias relativistas. Estas são, contudo avalidadas por Mill, Kant, Comte e Spencer.

A rigor, e de acordo com a ordenação posterior de suas obras, a série "Filosofia do Espírito" na qual se contém suas reflexões sobre a evolução das idéias psicológicas, inicia-se ainda quando Farias Brito permanece em Belém. Pelo menos, esse é o significado que se atribui ao texto intitulado "A verdade como regra de Ação". Inicialmente esse texto ainda era concebido como integrante da série anterior. De qualquer modo, os dois volumes que efetivamente exprimem a temática de "Filosofia do Espírito" e exploram o advento e a evolução da psicologia moderna e contemporânea são: 1) "A base física do espírito", publicada já no Rio de Janeiro em 1912, e 2) "O Mundo Interior", publicado também no Rio, em 1914.

Dada a relevância dessas duas obras, convém que sejam mais extensos os comentários que sobre elas aqui registremos, até porque esse é o objetivo do presente texto. Não se pense, entretanto, que a visão filosófica neles não prevaleça. Afinal, como já observamos, Farias Brito foi, sobretudo, um pensador voltado para a reflexão metafísica. Insistimos, contudo, que foi, por igual, um competente expositor e crítico

das idéias psicológicas produzidas especialmente durante os séculos XVIII, XIX e XX, neste considerando, inclusive, a produção científica da E. de Würzburgo. Sofreu, contudo, certos vizeamentos frequentes no começo do século, acerca do exato significado da psicologia científica, ou seja, da psicologia experimental.

Assim é que no primeiro capítulo, intitulado "Necessidade de uma orientação nova", e no primeiro parágrafo dedicado a uma análise da situação atual da obra "O Mundo Interior", escreve: "Numa coisa andaram acertadamente os psicólogos modernos; no qualificativo que deram à sua ciência de "psicologia sem alma". Realmente a psicologia dos tratados, feita nos laboratórios de experimentação, com suas descrições anatomo-fisiológicas, com seus quadros demonstrativos, com suas tentativas de medida das sensações e da duração dos atos psíquicos, etc., é, não há negá-lo, e forçoso é reconhecer que a expressão é justa e precisa, "uma psicologia sem alma". E isso equivale a dizer: uma psicologia morta; o que significa: uma psicologia que não nos instrui, nem edifica, que nada nos diz sobre a verdadeira significação da energia que reside em nós: dinâmica puramente exterior, inconsciente e fatal, que em vão se esforça por explicar o espírito em função da matéria, deixando-nos sempre no vazio e no escuro... Muito mais instrutiva é, de certo, a psicologia dos poetas e dos romancistas, que jogam, é verdade, com personagens fantásticos, mas inspirados na observação dos fatos e criados pela imaginação sob a pressão mesma da vida, senão reais, pelo menos possíveis, sendo de notar que é sempre das próprias paixões, das próprias lutas e sofrimentos, dos próprios sonhos e aspirações que nos dá o artista, em seus personagens, a descrição viva e palpitante.

Há criações poéticas que são altamente significativas e pode dizer-se que um Hamlet, um rei Lear, o Tartufo de Molière, o Fausto de Goethe, têm mais vida e realidade que muitas figuras históricas de valor aliás não secundário. É que essas criações, de si mesmas, são fenômenos psíquicos, manifestações profundas da alma mesma do homem: o que prova que a arte é, por si própria, um poderoso instrumento de análise psicológica."

A distinção entre a psicologia como ciência e a psicologia dos poetas nos é fornecida, ainda em outro trecho, pre

cisamente no parágrafo 4 do primeiro capítulo. Escreve Farias Brito "A arte está para a psicologia como o instinto para a inteligência: a psicologia é a visão consciente, a arte uma visão inconsciente, mas profética da nossa própria realidade. A primeira é ciência, porque é trabalho do espírito; a segunda é instinto, porque o artista obedece a uma inspiração, por assim dizer, subconsciente, como se o impulsionasse uma força irresistível e fatal, nascida das profundezas ignotas de seu ser mais íntimo e profundo. Mas porque se torna necessária esta espécie de psicologia instintiva e profética, como uma segunda visão da vida, obra do sentimento e da paixão, ao lado da psicologia verdadeira e natural, a interpretação lógica de nossa realidade espiritual pelo trabalho do espírito, pela obra consciente da inteligência? O que dá a razão desse fato, que dá a legítima explicação da necessidade da arte, dessa psicologia instintiva, é a imperfeição mesma da psicologia como ciência, da psicologia como obra da inteligência". É claro que ocorre aqui uma inequívoca influência das leituras de Bergson que, na verdade, foram empreendidas após sua vinda para o Rio.

Entretanto, a crítica, no que concerne a uma psicologia de laboratório, era do mesmo tipo da que encontramos em Manoel Bomfim. Era frequente em alguns setores críticos da psicologia no início do século. Sobre a relevância da contribuição dos poetas e romancistas, ela revela certa influência de Nietzsche e, de qualquer modo, se antecipa ao ponto de vista presente em muitos dos autores atuais ligados à corrente humanista.

Entretanto, a crítica de Farias Brito prossegue no parágrafo terceiro quando trata da "Determinação precisa do conceito de psicologia". Escreve, então: "A psicologia moderna, inspirada na física e na química, dominada pela idéia de introduzir no mundo psíquico a experimentação e o cálculo; preocupada pela idéia de medir as sensações, de determinar o equivalente mecânico da consciência, mostra-se profundamente viciada em seu pensamento, fundamental, procura conciliar idéias incompatíveis, violenta a significação real de conceitos já positivamente reconhecidos e claramente delimitados. Sua obra se bem que vasta e complexa, não é senão uma aventura audaciosa, no intuito de explicar o espírito pela matéria, o consciente pelo inconsciente. E do trabalho imenso que tem levado a efeito, de análise e de crítica, muita coisa é de certo valiosa, mas em regra, somente no que se refere à obra de demolição que há sido realizada. Mas quanto às tentativas de recons

trução que têm sido empreendidas, são sempre parciais, hipotéticas, e no seu conjunto, inaceitáveis".

Após a apresentação de suas objeções contra a psicologia experimental, propõe Farias Brito sua conceituação da psicologia, ainda no parágrafo terceiro. Escreve: "Eu chamo psicologia a ciência do espírito, e entendo por espírito a energia que sente e conhece, e se manifesta, em nós mesmos, como consciência, e é capaz, pelos nossos órgãos, de sentir, pensar e agir. É essa energia em nós uma manifestação particular da matéria? Pouco importa. Nessa manifestação particular a matéria adquire caracteres especiais que a constituem em um princípio à parte e sui generis, que é o ponto de partida para uma série de fenômenos que são essencialmente distintos dos fenômenos da matéria, pelo menos considerada esta em suas manifestações exteriores". E ainda no parágrafo terceiro e em trecho adiante, já a essa altura discorrendo sobre o espírito: "O espírito não é somente a base do edifício do pensamento, o princípio dos princípios: é também fato que resiste a toda dúvida, verdade que desafia o capricho mais desordenado dos céticos. E negá-lo é coisa que, só por si, envolve absurdo, porque negar é ato da consciência e a consciência é fenômeno do espírito. Negar o espírito é negar-se e negar-se é dizer: eu sou e não sou. O espírito é, pois, o princípio dos princípios e a verdade das verdades, o fundamento de toda a realidade, e a base de todo o conhecimento". O trecho é expressivamente cartesiano, embora Descartes não apareça mencionado.

No parágrafo quinto, expondo as relações entre filosofia e psicologia, Farias Brito expõe uma de suas teses mais pessoais: a de que a filosofia, entendida como metafísica, identifica-se com a própria psicologia. Escreve: "A filosofia é a psicologia, a ciência do espírito. Tal é, por conseguinte, a nossa tese fundamental. Agora a psicologia é que pode ser considerada de dois modos: no sentido comum e ordinário e no sentido transcendente. No primeiro caso é a psicologia propriamente dita, a análise da atividade psíquica, tal como se verifica no homem, e em menor escala, nos graus inferiores da pura animalidade, de onde a psicologia comparada, cujo valor é hoje altamente reconhecido. No segundo caso é ainda a psicologia, isto é, indaga ainda da significação e natureza do espírito; mas considerando este não somente em sua função puramente humana, mas em sua significação

ção mais geral, confunde-se com a metafísica e não só trata de descobrir a relação que há ou deve haver entre o espírito e o todo universal, como ao mesmo tempo procura interpretar o próprio todo universal. É verdade que toda a psicologia é, já de si, e, em certo sentido, transcendente. O consciente é já transcendente. Ou pelo menos, deve-se reconhecer que a consciência, desde que se apresenta, ainda nas suas manifestações mais rudimentares, tem qualquer coisa de transcendente". Em continuação, Farias Brito ainda traça com mais clareza, a distinção que propõe entre a psicologia comum e a transcendental, propondo-a em termos de método. Na verdade, a psicologia no seu sentido mais corrente apoia-se com bastante êxito na investigação empírica valendo citar-se a contribuição da escola associacionista e da escola escocesa. No que concerne à psicologia transcendental, o recurso à introspecção direta ou indireta e ainda auxiliada por outros processos utilizados, não parece suficiente. "É necessário recorrer a outras fontes de indagação e a todos os recursos da lógica e do raciocínio".

Farias Brito revela-se pouco disponível para efeito de aceitar a psicologia experimental. Não que descarte a possibilidade da investigação empírica fornecer dados relevantes. Essa é, inclusive, como já vimos, uma concessão que faz à contribuição do positivismo. Não abre mão, contudo, da relevância do método introspectivo. Aqui, distancia-se de Comte e, obviamente, também de Kant, na crítica que ambos fazem ao método introspectivo. Sua convicção em torno da eficácia do método, revela-se nos comentários que faz sobre a coisa em si quando a identifica com o próprio espírito. Os trechos mais significativos a esse respeito integram os parágrafos setenta e um, a setenta e nove do capítulo VIII de "O Mundo Interior". Escreve: "Tudo isto quer dizer que a 'coisa em si' só pode ser conhecida por observação interior; o que significa: por introspecção. E até aí muito bem, pois não há, de fato, outro meio para conhecer a 'coisa em si' ou o ser próprio e íntimo das coisas". E logo adiante, comenta que Schopenhauer identificou-a com a vontade. Farias Brito não avalisa a tese de Schopenhauer e escreve: "'A coisa em si', é, pois, a vontade. Mas por que a vontade? Se a 'coisa em si' só se conhece por observação interior, deve ser também tudo o que se conhece por observação interior. Onde termina o mundo externo, aí termina a região da fenomenalidade e começa o domínio da 'coisa em si'. É precisamente na distinção entre o mundo interno e o externo, ou entre a subjetividade e a objetividade que está a base ou o critério para a distinção entre a

"coisa em si" e os fenômenos. Quer isto dizer: tudo o que se conhece por observação interior é "coisa em si" ou referente ao que se chama "coisa em si". Como se pode então limitar a "coisa em si" à vontade? O que se conhece por observação interior não é somente a vontade; mas a vontade, o sentimento, o conhecimento, a emoção, a paixão; numa palavra: tudo o que deriva da energia psíquica e se explica pela energia psíquica. Fazer, pois, da vontade, "a coisa em si" é tomar uma parte pelo todo. ... Não, a "coisa em si" não é a vontade, ou pelo menos não é a vontade somente, mas o que em cada ser se manifesta como subjetividade, como sentimento e conhecimento, como emoção e paixão, como vontade e como energia psíquica; ou, para empregar a palavra definitiva, a "coisa em si", ou o ser íntimo e profundo, a realidade fundamental e a existência verdadeira, é o espírito. Esta idéia, exposta, assim, ex-abrupto, talvez pareça a primeira vista um tanto excepcional e mesmo chocante. Mas reflita-se um momento, examine-se detidamente a coisa, e ver-se-á que não há outra solução possível para a questão da "coisa em si" e dos fenômenos. - Eu penso, logo sou - eis a verdade fundamental segundo Descartes, e a única que não pode ser contestada. Isto, entretanto, não quer dizer que se deduza do pensamento a existência, mas que o pensamento é a existência mesma afirmando-se". O capítulo termina com um pensamento que recorda Malebranche sobre quem, inclusive, escreve no começo de sua atividade intelectual: "E eu digo, em conclusão, e nisto consiste a minha concepção fundamental: o mundo é uma atividade intelectual, pois é Deus pensando, e nós homens, como elementos que somos do mecanismo do mundo, fazemos também parte do pensamento de Deus, e somos, por conseguinte, no mais rigoroso sentido da palavra, idéias divinas".

O primeiro volume da "Filosofia do Espírito", abstraindo-se o livro, intitulado "A verdade como regra das ações" foi "A Base Física do Espírito". Trata-se de um autêntico estudo de história da psicologia moderna, eminentemente crítico, e com vasto capítulo sobre as contribuições da Escola associacionista e da Escola experimental alemã, desta destacando-se o exame da obra de Fechner e de Wundt. Nela, no parágrafo 62 do capítulo VIII há um comentário sobre a situação dos estudos psicológicos no Brasil. O comentário é bastante desfavorável e não faz qualquer ressalva aos esforços já a essa altura bastante significativos de Manoel Bomfim. Escreve Farias Brito: "Em nosso país, infelizmente, não temos coisa alguma a

que se possa aqui fazer menção. Se se perguntar: o que há, entre nós, sobre este relevantíssimo assunto que tanto tem despertado o interesse dos homens mais eminentes em todos os países cultos do mundo? - a resposta deverá ser esta: nada, absolutamente nada. De certo temos pensadores isolados que devem conhecer a fundo o movimento atual da psicologia. Mas estes, ou não se sentem com coragem para atacar os preconceitos dominantes, ou não, querem perder o seu tempo, dedicando-se a trabalhos para os quais ainda não se acha preparada a atmosfera intelectual de nossa pátria. Realmente o solo da intelectualidade nacional não parece que deva ser terreno muito apropriado para a semente da nova ciência. E o que pretender aí cultivá-la, arrisca-se a sofrer a decepção daquele que semeia na rocha bruta, sobre pedregulhos, onde a planta não pode criar raízes, ou entre espinhos que a não deixarão crescer". A crítica se estende mostrando Farias Brito a presença tênue da psicologia nas E. Normais como parte da pedagogia, ou nas E. de Medicina, como segmento da cadeira de psiquiatria. E conclui: "De maneira que se o que há sobre psicologia é somente o que se ensina em nossas escolas de medicina, pode dizer-se que em nosso país a única psicologia que foi julgada digna de estudos é a dos loucos. É possível que tenham razão os nossos pedagogos e legisladores". Vale recordar que tanto Manoel Bomfim quanto Maurício de Medeiros tinham estudado com Dumas e colaboraram no "Pedagogium". Por outro lado, não é de esquecer que Farias Brito chegara ao Rio em 1909 e o livro citado é de 1912. Suas relações entretanto, se irão estreitar com Jackson de Figueiredo grande figura do movimento católico entre nós. É curioso o registro que foi somente quando publicou "O Mundo Interior" que F. Brito revela ter ampliado suas leituras filosófico-psicológicas, citando extensamente Bergson e analisando quatro de seus trabalhos; O "Essai", "L'Evolution creative", "Matière et Mémoire" e "L'Intuition philosophique", este publicado na Revista de Metafísica e Moral, de novembro 1911. Recorde-se que desde 1909 Farias Brito era professor catedrático de Lógica do Colégio Pedro II, cátedra que conquistou em concurso de títulos e provas, concorrendo, inclusive, com Euclides da Cunha. É sabido que embora tendo sido o primeiro colocado, pressões originadas do Barão do Rio Branco fizeram com que o indicado fosse Euclides. A morte trágica do grande autor de "Os Sertões", possibilitou fosse já em dezembro de 1909 nomeado Farias Brito para a cátedra que almejava.

O livro "A Base Física do Espírito", tem como subtítulo "História sumária do problema da mentalidade como preparação para o estudo da Filosofia do Espírito". Compõe-se de uma Introdução, desenvolvida em quatro títulos e alcançando o total de 92 páginas e nove capítulos. O primeiro trata da renovação dos estudos psíquicos. Compõe-se de 13 parágrafos dos quais o sexto é dedicado às origens da psicologia moderna; o sétimo à psicologia matemática de Herbart e o oitavo, à psicofísica de Fechner. Dada a importância concedida a Fechner não nos parece impróprio conceder um espaço mais amplo às suas considerações.

Na verdade, Farias Brito discorre sobre a psicofísica de Fechner em dois capítulos de "A base físico do espírito": no capítulo primeiro, quando lhe reserva o parágrafo oitavo e sobre ela fala em três páginas, apenas; no capítulo oitavo, dedicado em parte, a uma análise das contribuições da Escola experimental alemã, iniciada por Tetens e no qual a psicofísica aparece exposta e criticada no parágrafo 54, em quinze páginas, mais cinco páginas do que Bergson lhe reservara no "Ensaio".

No capítulo primeiro, parágrafo oitavo, Farias Brito começa citando William James, quando este traça o perfil de Fechner. Escreve James, na citação de Farias Brito: "Fechner era o modelo do sábio alemão ideal, tão audaciosamente original em seu pensamento, quão simples em sua vida. Modesto, cordial, laborioso, escravo das exigências da verdade e do saber, ele possuía, de outra parte, um estilo admirável, cheio de brilho e de bom gosto. A geração materialista que, para 1850 e 1860 tratava com imaginárias suas especulações, foi substituída por uma geração que manifestava mais liberdade de imaginação e um Preyer, um Wundt, um Pausen e um Lasswitz poderiam falar de Fechner como de seu mestre". A citação é feita do livro "Filosofia da experiência", na tradução francesa efetuada por E. Le Brum e M. Paris, e retirada da quarta lição. James ainda será citado mais adiante, no capítulo oitavo quando procede a algumas previsões acerca do futuro da obra de Fechner: "Fechner, está destinado a exercer sobre o futuro, uma influência crescente: disto estou convencido". Esta citação encontra-se na página 244 de "A base física do espírito".

Farias Brito não se limita a reproduzir o perfil de Fechner produzido por James. Ele próprio também escreve so -

bre a figura do grande mestre da psicologia alemã, quando no parágrafo 54 do capítulo oitavo de "As bases físicas do espírito", escreve: "Fechner é um dos vultos mais extraordinários da cultura filosófica alemã. Espírito extremamente vasto e complexo, é sob diversas faces que se nos apresenta, cada qual mais original e profunda, aliando tendências que à primeira vista parecem inconciliáveis. Por exemplo: Fechner é o mais formidável e o mais audacioso dos místicos e ao mesmo tempo o sábio mais rigoroso e mais intransigente, inflexível nos seus processos de verificação e de prova, infatigável na aplicação escrupulosa dos métodos objetivos da ciência. Deste modo é dominado pela mais viva convicção que se mostra, em sua concepção geral do universo, defensor apaixonado de uma intuição ultra-espiritualista do mundo e sustenta, por exemplo, com ardor, que a terra é um ser vivo, que o mundo solar, considerado em seu conjunto, é um organismo, dotado de consciência e vontade; numa palavra, que tudo é vivo e animado em toda a extensão infinita da realidade que enche o espaço e o tempo. Entretanto, considerando, em particular, a fenomenalidade psíquica, tal como se faz diretamente acessível aos nossos meios de conhecimento, no organismo animal e mais especialmente, no organismo humano, nos limites da intuição e da experiência, - é quem representa o mais vigoroso esforço que foi empregado para interpretar todos os fatos exclusivamente pelos métodos da observação e da experimentação e pelos processos do cálculo. Em suma: foi o verdadeiro criador da psicologia experimental, pois foi quem lhe sistematizou as buscas e o método, dando organização definitiva às tentativas ainda deficientes de Tetens e Weber, e firmando, de modo seguro e decisivo, a orientação que devia servir de base a todos os trabalhos posteriores" (242/3). E logo adiante: "Pertencia, entretanto, não ao passado, mas seguramente, ao futuro: era um vidente, uma espécie de profeta, e há mesmo quem assegure que não deixou de ter, em certos momentos mais decisivos, visões excepcionais e estranhas" (p. 243).

No parágrafo oitavo do primeiro capítulo, de "A base física do espírito", Farias Brito subscreve os comentários apresentados por Foucault em "A psicofísica", nos quais o citado autor define Fechner como o verdadeiro criador da psicologia experimental e introdutor do método experimental nas ciências de ordem moral e psíquica. Repete, então, Farias Brito: "a medida da intensidade das sensações é química" e "a

busca de uma lei matemática ligando os fenômenos a seus concomitantes fisiológicos e a seus antecedentes físicos, é também, química". Concordava, pois, Farias Brito, com o ponto de vista de Foucault de que a psicofísica era um movimento de inspiração química.

Farias Brito expõe, sumariamente, o objeto da psicofísica, explorando a distinção proposta por Fechner entre uma psicofísica interna e uma psicofísica externa, assinalando que a primeira não mereceu maiores atenções de seus seguidores. Reproduz as definições tradicionais dos limiares relativos e expõe a lei proposta por Fechner sobre as relações logarítmicas entre a sensação e os estímulos. Menciona, ainda, seus principais críticos, citando: Donders, Exner, Mach, Stumpf, Ziehen, Ebbinghaus, Münsterberg, Külpe, Lipps, Merkel e Meumann. Acerca do nível de aceitabilidade da psicofísica, afirma Farias Brito, que "houve até quem chegasse a prever que o cálculo das sensações não tardaria a ser facilitado por meio de uma tábua de logaritmos, nas mesmas condições que o cálculo das relações trigonométricas" (p. 253).

Bergson é, por igual, citado como aval para a rejeição que Farias Brito propunha para o movimento da psicofísica. Cita-lhe, especialmente, uma frase: "a sensação é já um começo de liberdade". E em "O Mundo Interior" e ao longo de uma ampla exposição do pensamento bergsonismo, escreve Farias Brito, à maneira de um comentário final: "Intensidade e grandeza são pois, fatos irreduzíveis, se bem que se toquem e se jam, de certo modo, inseparáveis. Seria, assim, absurdo, pretender explicar uma coisa pela outra: o que importa a condenação não somente da psicofísica, que pretende medir a sensação pela excitação, como igualmente, da psicologia da associação, que pretende resolver o extenso em elementos inextensos, ou constitui o físico por composição de elementos psíquicos" (p. 226). Em "A base física do espírito", considerando ainda a psicofísica e exprimindo influência de Bergson, escreve: "Mas falar em medida, tratando-se de sensações, é simplesmente fazer uso de uma metáfora, porque as sensações são fatos que não dependem da categoria do espaço e isto equivale a dizer que são inteiramente estranhas à ordem matemática: o que significa, exatamente, que as sensações não são suscetíveis de medida" (p. 254).

Entrementes, no capítulo oitavo de "A base física do espírito" termina com uma citação de Foucault: "Fechner jul-

gou fundar na psicofísica, uma ciência nova. E acreditou, ao mesmo tempo, dar a essa ciência nova, a forma completa das ciências experimentais que se caracterizam pela combinação da experimentação com a expressão matemática das leis. Acreditou, enfim, dar-lhe, além de um objeto e de um método, um conteúdo definitivamente estabelecido, uma lei fundamental. Esta ficaria positivamente constituída e a psicofísica do futuro caberia, apenas, examiná-la no detalhe. A Obra de Fechner seria, assim, comparável à fundação da silogística de Aristóteles (p. 255).

Resumindo o ponto de vista de Farias Brito, podemos assinalar que para ele a psicofísica de Fechner foi uma nova tentativa abortada da aplicação do cálculo matemático ao domínio particular da psicologia, repetindo, pois o fracasso que anteriormente marcou a contribuição de Herbart. Não nos devemos esquecer, no entanto, que Farias Brito insistiu em considerar Fechner o verdadeiro criador da psicologia científica e introdutor do método experimental no campo das ciências morais.

O segundo capítulo trata das "Origens remotas do movimento psicológico Hodierno. Estende-se do parágrafo 14 até o 25º. Destacam-se, pela relevância o parágrafo 16 sobre os iniciadores do movimento, ou seja, Bacon e Descartes. O parágrafo 17 discorre sobre o "desenvolvimento da doutrina, centrando-se em Spinoza e Leibniz". O 18º sobre o racionalismo na psicologia. O 19º sobre a influência decisiva do empirismo de Locke. O 21º expõe o pensamento de Hume e Kant. O 22º sobre o sensualismo de Condillac. O 24º sobre a reação da escola escocesa contra o sensualismo. Finalmente o 25º parágrafo trata da reação empreendida pela Escola Teológica e a Escola Espiritualista.

O terceiro capítulo está dedicado à escola espiritualista e às críticas de Taine. Estende-se do parágrafo 26º até o 31º. Fixa-se na escola espiritualista representada por Royer Collard, Maine de Biran, Victor Cousin, Jouffroy. O capítulo quarto trata da frenologia e se integra de dois parágrafos: o 32º sobre a frenologia de Gall e 33º sobre as novas tentativas de localização das funções psíquicas. O capítulo quinto discute a posição da psicologia na Escola Crítica e no positivismo. Compõe-se de três parágrafos. O 31º sobre o criticismo e o positivismo. O 35º sobre a psicologia

em face do criticismo e o 36º sobre a psicologia em face do positivismo. O capítulo sexto estuda os últimos desenvolvimentos do empirismo e a psicologia como ciência fundamental. Integra-se de cinco parágrafos, destacando-se o 41º sobre a escola associacionista inglesa e a escola experimental alemã. O capítulo sétimo versa detidamente sobre a escola associacionista. Dez parágrafos o compõem. As figuras focalizadas são: Hume, Harthley, J. Mill, St. Mill, Spencer e Bain. O capítulo oitavo analisa a escola experimental alemã e se desenvolve por onze parágrafos, focalizando-se a contribuição de Tetens definido como o primeiro da escola, Weber, Fechner e Wundt. Finalmente o IX capítulo expõe a crise atual da psicologia experimental (em 1912 obviamente) e cobre nove parágrafos. Há referências a Kostyleff a Titchner, a Binet e a E. de Würzburg.

No parágrafo 71 das conclusões iniciadas no parágrafo anterior propõe Farias Brito um balanço do que pode ficar da psicologia experimental. Escreve: "Das conclusões tiradas no parágrafo anterior, não se deve inferir que todos os trabalhos da psicologia experimental tenham sido feitos em pura perda e que daí nada se pode aproveitar. A maior parte das experiências são inúteis e muitas já foram abandonadas, como as da psicofísica, da psicomетria, etc. E o que resta e ainda pode ser tomado em consideração, é talvez, como pretende Kostyleff, unicamente, o que se refere ao estudo dos reflexos cerebrais. Isto significa que o que deve ficar de toda a psicologia experimental é a psicologia fisiológica. Era, aliás, o que, no começo, pretendia Wundt, embora no desenvolvimento de sua obra, terminasse por absorver na fisiologia toda a psicologia. Feitas, porém, as necessárias retificações, a psicologia fisiológica deve ficar; mas não como interpretação da fenomenalidade psíquica, isto é, como solução do problema psíquico pela fisiologia, e sim como estudo especial de uma seção particular da realidade, isto é, como estudo dos órgãos dos sentidos e das sensações. Será uma ciência intermediária entre a fisiologia e a psicologia, como era a idéia primitiva de Wundt. E esta ciência, por não tratar dos fenômenos psíquicos propriamente ditos, mas apenas dos órgãos a que esses fenômenos se ligam, não deixa de ser útil como estudo de uma parte importante do organismo, e deve ser cultivada, não só no interesse do naturalista ou do antropologista, como ainda no interesse médico. É um estudo própria

mente fisiológico, não psicológico, e nele poderá o sábio utilizar-se de todos os processos e métodos da análise fisiológica, sem excluir a experimentação, tal como se pratica em fisiologia. É o que poderia chamar-se a indagação da base física do espírito". Logo, a seguir mostra Farias Brito a impossibilidade da psicologia ser absorvida pela fisiologia "porque de toda a forma continuarão os fenômenos psíquicos a desenvolver-se, na conformidade dos seus processos próprios, constituindo uma esfera determinada de fatos que só poderão ser observados e devidamente interpretados pela introspecção".

"O Mundo Interior" tem precisamente como subtítulo "ensaio sobre os dados gerais da Filosofia do espírito", e foi editado pela Revista dos Tribunais, no Rio de Janeiro, 1914. Dividido em dois livros, o primeiro intitula-se "as novas tendências do pensamento". Compõe-se de quatro capítulos. O primeiro versa sobre a "necessidade de uma orientação nova". Integra-se de seis parágrafos dentre eles se destacando o que trata das relações entre a psicologia e a arte, e da psicologia e a metafísica. O capítulo segundo trata do "renascimento da Filosofia do espírito". Nele se destacam o parágrafo sobre a "morte das doutrinas da demolição" e "o dogma da Filosofia do desespero".

O capítulo terceiro compõe-se de quatro parágrafos, destacando-se o que focaliza a figura de Renouvier e o que é dedicado a Secrétan. O quarto capítulo, com quatro parágrafos discute principalmente o problema das relações entre ciência e religião.

O Livro segundo está integrado de oito capítulos dos quais o primeiro trata da "questão da coisa em si" e dos fenômenos, fixando-se em Kant, Fichte, Schelling, Schopenhauer, Renouvier, no positivismo, em Spencer, e em Hartmann. Conta de doze parágrafos. O capítulo segundo focaliza o desenvolvimento da questão da coisa em si e dos fenômenos, centrando-se no exame do pragmatismo. Nele se analisam Schopenhauer, Fouillée, Wundt e o seu voluntarismo, o pragmatismo, o pragmatismo e o critério da verdade e o pragmatismo e a religião. O capítulo terceiro estuda a filosofia de Bergson. São quinze parágrafos em que o pensamento de Bergson é muito bem exposto. O capítulo quarto destina-se a uma "vista retrospectiva e evolução do conceito de vontade - de Schopenhauer

a Bergson. Compõe-se de cinco parágrafos. O capítulo quinto centraliza-se no estudo do "fenomenismo absoluto: caráter va go e indeterminado de seus conceitos fundamentais". Integra-se de cinco parágrafos. O capítulo sexto estudo o tema "do fenomenismo ao idealismo: sobre o idealismo absoluto". Con têm dez parágrafos. O capítulo sétimo trata da "solução defi nitiva da questão da "coisa em si" e dos fenômenos; o espíri to como "coisa em si" e o mundo como fenômeno do espírito. De senolve-se em nove parágrafos. Finalmente o capítulo oitavo dedica-se ao primado da inteligência: caráter negativo do conceito de vontade, com dez parágrafos.

acs.

OBRAS DE FARIAS BRITO

Série: "Finalidade do Mundo"

1. A filosofia como atividade permanente do espírito humano. Fortaleza, Tipografia Universal, 1885.
2. A filosofia moderna, Fortaleza, 1899.
3. Evolução e relatividade, Belém, 1905

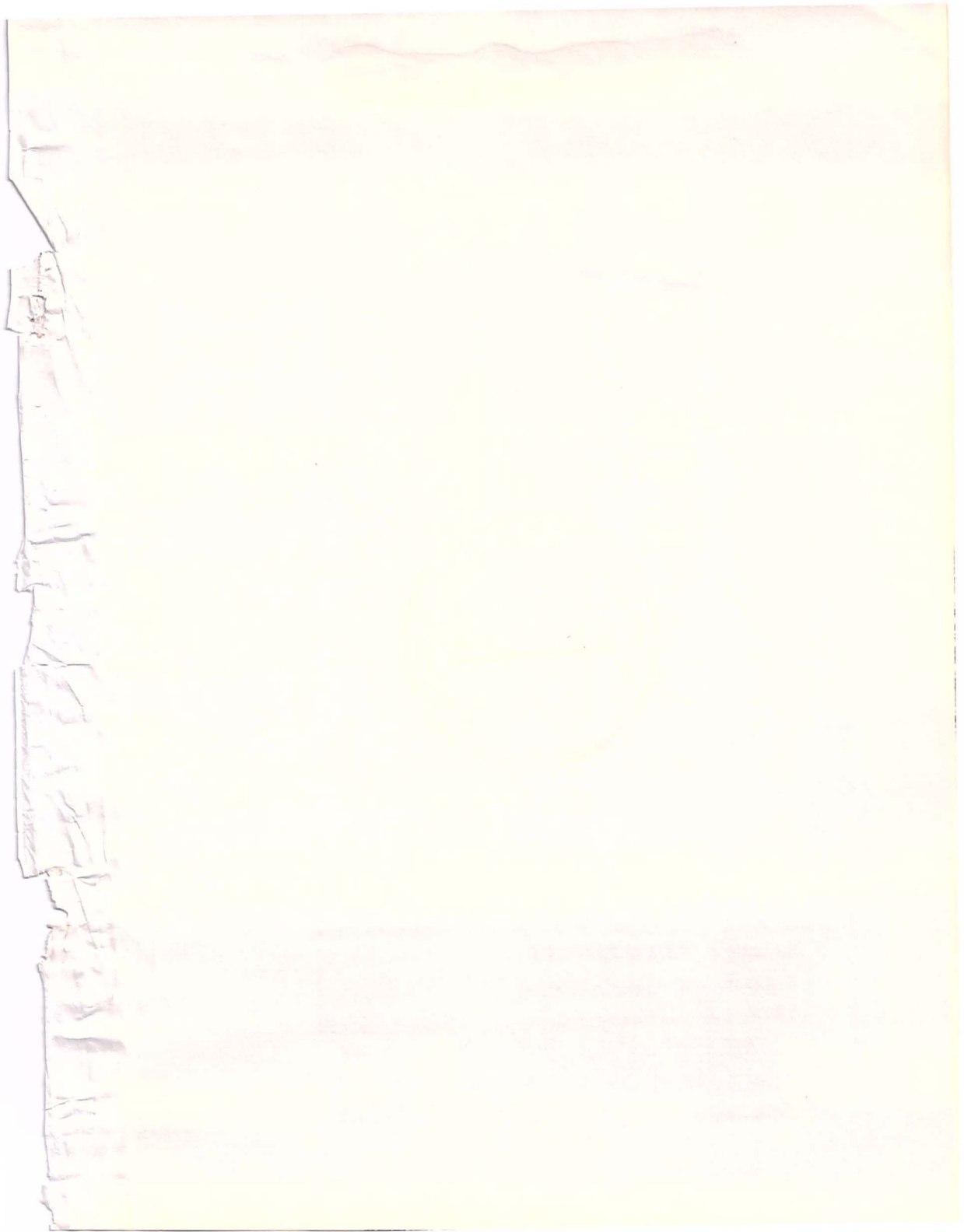
Série: "Filosofia do Espírito"

1. A verdade como regra das ações, Belém, 1905.
2. A base física do espírito, L.Francisco Alves, Rio, 1912.
3. O mundo interior, Revista dos Tribunais, Rio, 1914.

Sobre Farias Brito, a literatura é abundante. Podemos citar, contudo:

1. Jonathas Serrano - Farias Brito, o Homem e a Obra, Brasileira, vol. 1977, Biblioteca pedagógica brasileira, CEN, 1939, São Paulo.
2. Nestor Victor - Farias Brito (Revista dos Tribunais, RJ, 1917.
3. Silvio Rabello - Farias Brito ou uma aventura do espírito, José Olímpio Editora, Rio, 1941.
4. Benedito Nunes - Farias Brito, Agir, Rio, 1967.
5. Jackson de Figueiredo - Algumas reflexões sobre a Filosofia do F. Brito, Rev. dos Tribunais, Rio, 1916.
6. Leonel Franca - Noções de História da Filosofia, 2a. ed. Rio de Janeiro, 1921.
7. José Veríssimo - Imparcial, Rio, nº de 11/04/1914, artigo sobre Farias Brito.
8. A. Paim - História das Idéias Filosóficas no Brasil, Convenio, Pro-memória, I.N. do Livro, 1984, 3a.ed.





N.Cham. P/ISOP CPGP T 6

Autor: Penna, Antonio Gomes,

Título: Historia da psicologia: apontamentos sobre as



00051088

32760

FGV - BMHS

Nº Pat.:219/87

